

TÍTULO: RIO+20 E JORNALISMO AMBIENTAL: ANÁLISE DISCURSIVA DO TEMA ECONOMIA VERDE NOS JORNAIS LE MONDE E FOLHA DE S.PAULO.

Vinícius Flôres (Brasil)
Jane Mazzarino (Brasil).¹

Resumo.

O objetivo deste artigo é analisar e comparar qualitativamente a cobertura do tema Economia Verde, um dos tópicos principais da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20, nos jornais Le Monde e Folha de S.Paulo, tendo como base as formações discursivas e vozes presentes nos produtos jornalísticos. Toma-se como recorte de análise matérias do gênero informativo, visando compreender a lógica do jornalismo ambiental aplicada. Utiliza-se como método a Análise de Discurso francesa, que propicia um mapeamento de vozes e identificação dos sentidos. Identificou-se a existência de cinco formações discursivas difundidas entre as 33 vozes em ambos os veículos. O enquadramento geral dado nas coberturas analisadas tratou de ressaltar os aspectos negativos da conferência, embora reconheça elementos positivos.

Palavras-chave.

Análise do Discurso, Jornalismo Ambiental, Rio+20, Economia Verde.

RIO+20 AND ENVIRONMENTAL JOURNALISM: discourse analysis about Green Economy in the newspapers Le Monde and Folha de S.Paulo

Abstract.

The objective of this article is to analyze and compare the coverage of the topic Green Economy, one the the main theme of the United Nations Conference on Sustainable Development, Rio+20, in the newspapers Le Monde and Folha de S.Paulo, based on formations discursive and voices present in journalistic products. Thereunto, it's taken as analyses' cut the informative gender, aiming to understand the logic of environmental journalism applied. It's used as a method the french Discourse Analysis, which provides a mapping of voices and identification of the senses. Six discursive formations were identified spread between the 33 voices in both newspapers. The general framework in the coverage analyzed tried to emphasize the negative aspects of the theme, while it recognizes positive elements.

Keywords.

Discourse Analyses, Environmental Journalism, Rio+20, Green Economy.

Introdução.

Historicamente, são pouco mais de quatro décadas de discussão oficial sobre a temática ambiental. Em 1972, ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano em Estocolmo, na Suécia. Pela primeira vez eram alertadas as consequências da ação humana na natureza pela Organização das Nações Unidas (ONU). Quinze anos mais tarde, nasce a ideia de desenvolvimento sustentável no relatório "Nosso Futuro Comum", pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecido como Relatório Brundtland. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992, no Rio de Janeiro, vem a chancelar esse conceito.

O evento teve como legado o conjunto de acordos políticos com metas a serem seguidas pelos países, de modo a alcançar o desenvolvimento sustentável, materializadas sobretudo nos documentos Agenda 21 e Declaração do Rio. Desde então, o tema desenvolvimento sustentável se disseminou em todas esferas da sociedade, inclusive no mercado, dando surgimento a iniciativas conscientes e também aberrações como o *greenwashing*¹. Em 2002, foi a vez de Johanesburgo, na África do Sul, receber a Convenção Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável. O objetivo era fazer um balanço dos compromissos traçados dez anos antes. Contudo, os atentados terroristas nos Estados Unidos ofuscaram a discussão.

A esperança ficou para o quarto grande evento ambiental, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20, que aconteceu em junho de 2012, novamente no Rio de Janeiro. Um dos tópicos principais desta conferência foi a Economia Verde, oriunda da gênese do conceito de desenvolvimento sustentável. Conforme o site oficial da ONU², entende-se Economia Verde inserida no contexto de desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza. Em outras palavras, são políticas e programas que buscam atender compromissos de desenvolvimento sustentável. Este conceito de Economia Verde é considerado vago. Muitos grupos entendem que a adoção de tecnologias ecoeficientes em setores-chave, com mecanismos de mercado, seriam suficientes para conduzir à sustentabilidade. Contudo, há dúvidas sobre quais deveriam ser consideradas "tecnologias verdes" e quais indicadores devem ser usados. Além disso, não está inclusa a necessidade de um processo de mudança profunda na produção e no consumo.

O objetivo deste artigo é analisar e comparar qualitativamente a cobertura do tema Economia Verde, da Rio+20, nos jornais *Le Monde* e *Folha de S.Paulo*, tendo como base as formações discursivas e vozes presentes nos produtos jornalísticos. Toma-se como recorte de análise matérias do gênero informativo, visando compreender a lógica do jornalismo ambiental aplicada pelos veículos.

Tem-se como problema de pesquisa compreender: (a) quais as marcas discursivas dos jornais na cobertura do tema Economia Verde da Rio+20, (b) que formações discursivas emergem nos produtos jornalísticos e (c) quais vozes e os enunciadores incluídos na cobertura jornalística. Este trabalho é importante por discutir o jornalismo ambiental, tendo como estudo de caso matérias sobre Economia Verde, um dos principais temas na conferência Rio+20. Além disso, o estudo colabora com a reflexão sobre esta especialidade jornalística em jornais de continentes diferentes, salientando as divergências e congruências pertinentes ao mundo globalizado.

Utiliza-se como método a Análise de Discurso francesa, que propicia um mapeamento de vozes e identificação dos sentidos (Benetti, 2008). Quanto às vozes, é aplicada a lógica da Teoria Polifônica da Enunciação do francês Oswald Ducrot que distingue locutor (aquele que fala) e enunciador (lugar de fala do locutor). No que se refere aos sentidos, a autora propõe empregar a concepção de formações discursivas do também francês Michel Pêcheux, as quais remetem a uma região de sentidos nucleares impressas no discurso.

Jornalismo Ambiental: conceito e discussões.

No final da década de 1960 do século XX o mundo estava polarizado pela Guerra Fria. A morte de Martin Luther King agitava os Estados Unidos, em meio à rejeitada Guerra do Vietnã. Já no Brasil, o regime militar endurecia a repressão contra estudantes e militantes. A Europa, por sua vez, era inundada por revoltas estudantis, tendo como estopim os eventos de Maio de 68, na França.

É nesse período, de grandes transformações, que os temas ambientais ganham destaque. A primeira entidade de jornalismo ambiental surge em 1968 durante a Conferência sobre Biosfera, organizada pela Unesco em Paris, na França. Já no Brasil, Randau Marques é o primeiro jornalista especializado, abordando principalmente os agrotóxicos durante a década de 1970. Porém, só nos anos 1980 que a temática ganha força na imprensa nacional com a descoberta do buraco na camada de ozônio (Colombo, 2010).

Em síntese, o jornalismo ambiental se caracteriza como examinador e disseminador de políticas, possibilitando reestruturações ao divulgar informações de direito e interesse públicos, assumindo assim papel crucial entre as instituições de Estado e a sociedade. Trata-se de um jornalismo especializado, o qual transcende o jornalismo científico.

Isto porque o jornalismo ambiental caracteriza-se como uma prática mais engajada, oferecedora de visões complexas sobre o acontecimento. O jornalismo ambiental é “a tentativa de se explicar as ciências da vida e da Terra por meio de uma linguagem acessível, de fácil compreensão para os leigos, de modo a alertar a sociedade sobre os sinais de desgaste do meio ambiente” (Loose & Peruzzolo, 2008, p. 4).

Conceitualmente, pode-se afirmar que o jornalismo ambiental é um “processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado” (Bueno, 2007, p. 35). De acordo com o autor, esta área jornalística desempenha três funções: informativa, ao atualizar os receptores sobre a temática; pedagógica, ao explicar as causas e indicar soluções; e política, ao mobilizar os cidadãos.

Portanto, é dever da mídia aprofundar e contextualizar a problemática ambiental, com o propósito de auxiliar a sociedade em mudanças de hábitos, visando conciliar interesses de hoje com a garantia de uma maior conservação do planeta para gerações futuras. Isto porque, de acordo com Belmonte (2004, p. 35), “diante da crise ecológica, a imprensa também precisa assumir a responsabilidade de educar e transformar”, apesar de ressaltar que não é isso o que se vê.

Para Belmonte, há predomínio da cobertura pontual, com maior enfoque para temas negativos, sem espaço para um jornalismo aprofundado e contextualizado. Isto significa que os problemas percebidos em outras áreas jornalísticas, inseridos em um contexto no qual a rapidez da informação importa mais do que a qualidade propriamente dita, respingam na temática ambiental. Consequentemente, não se observam abordagens de assuntos que têm impacto ambiental lento e gradual.

Se essa realidade no jornalismo acontece na macroabordagem do tema ambiental, vem a se repetir quando é o caso de um tópico específico, a água. Em estudo de Flôres & Mazzarino (2012, p. 18), constatou-se que as “ofertas e marcas do discurso jornalístico sobre recursos hídricos tentam construir vínculos com o receptor baseadas em um sentido de desimportância para questões fundamentais em discussão na sociedade”, relativas ao tema no período do estudo, quando acontecia a construção do plano de gestão das águas pelos comitês de bacias hidrográficas no Rio Grande do Sul.

Existem hipóteses para essa tendência midiática. Uma delas está ligada à temporalidade. Assim como os receptores estão com menos tempo para textos longos e informações aprofundadas, as redações estão ficando enxutas, com um número maior de pautas para os jornalistas cumprirem. Tudo isso é reflexo de um sistema que prima pela produtividade em uma velocidade cada vez maior. A situação é silenciosa, assim como boa parte dos problemas ambientais, que só vão mostrar resultados em longo prazo.

... muitos dos danos ao meio ambiente ocorrem lentamente aos olhos humanos, mais como uma erosão do que como um deslizamento de terra, e a maioria das pessoas está ocupada demais ou se movimentando demais para perceber. ... Um bom exercício é imaginar como era um bairro urbano no século passado: esse é o contraste e a velocidade das mudanças que o jornalista ambiental precisa capturar, olhando para trás e para frente, explorando assuntos que levam tempo para se desdobrarem. (Frome, 2008, p. 162).

Pode-se questionar se o atual discurso socioambiental do campo jornalístico de ótica aterrorizante, desencadeia ações sustentáveis. Em trabalho sobre a XV Convenção da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP-15), Gavirati (2012) levanta a hipótese que a maior repercussão midiática da temática ambiental não está relacionada com uma melhor percepção sobre o assunto. Isto porque a abordagem excessiva pode repercutir negativamente na

sociedade. Já Sampaio & Guimarães (2012, p. 401) afirmam que a sustentabilidade tem sido “apropriada e remanejada a partir da sua conexão com outras práticas econômicas e políticas, produzindo, assim, novos discursos, estes mais afinados com os interesses do capital”.

Meio século depois do surgimento na França da primeira entidade de jornalismo ambiental, durante a conferência mundial da Biosfera, tendo-se observado o aperfeiçoamento nos âmbitos profissional e acadêmico, busca-se, com este estudo, compreender as lógicas contemporâneas do jornalismo ambiental com base na análise das coberturas do tema Economia Verde da Rio+20, última grande conferência sobre a temática ambiental.

Método.

Trata-se de um estudo de caso qualitativo, de caráter exploratório, que se utiliza de pesquisas bibliográfica e documental. A coleta de dados para análise documental foi realizada sobre as matérias sobre Economia Verde, um dos temas centrais da Rio+20, publicadas no mês do evento, junho de 2012, nos jornais *Le Monde* e *Folha de S.Paulo*. Para tanto, utilizou-se da versão virtual dos periódicos, a qual corresponde à transposição da versão impressa.

A amostragem é não probabilística, por tipicidade, tendo em vista que a seleção destes dois jornais está relacionada à relevância jornalística nos países e continentes que pertencem. O primeiro, jornal dos intelectuais, reconhecido como um dos mais proeminentes jornais do mundo, com forte influência na Europa (Molina, 2008). O segundo, um dos maiores jornais da América Latina e o maior em circulação no Brasil, país-sede da conferência Rio+20, com histórica participação na vida política brasileira (Pilagallo, 2012). Logo, considera-se que a escolha deles possibilitará captar duas percepções – uma europeia e outra latino-americana.

Na primeira etapa de coleta verificou-se que, em todo mês de junho de 2012, a cobertura da *Folha de S.Paulo* ofertou 206 matérias. Destas, 12 abordaram especificamente o tema Economia Verde. Já *Le Monde* dispôs de 33 matérias, oito sobre Economia Verde. Para a análise, optou-se por matérias que traziam este tema no *lead*, embora reconheça-se a possibilidade da existência de outros assuntos em um único texto. De cada jornal foram

selecionados os materiais com maior profundidade, correspondentes aos gêneros notícia e reportagem.

Sobre os textos jornalísticos selecionados aplicou-se a Análise de Discurso francesa (AD). Conforme Benetti (2008), esta vertente visa ao mapeamento de vozes e identificação dos sentidos. A significação não está confinada no texto. Logo, os sentidos surgem na interação entre discurso e leitor. O locutor, neste caso, apenas sugere uma lógica de signos na construção discursiva. “O fato de o discurso ser construído de forma intersubjetiva exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais” (Benetti, 2008, p. 108).

O aporte teórico mais próximo da AD é a Teoria Construcionista. No jornalismo, esta surge nos anos 1970, em oposição à perspectiva positivista, berço da Teoria do Espelho, a qual entendia que os meios de comunicação de massa seriam capazes de refletir a realidade em sua integridade. O paradigma construtivista desmantela essa ideia, argumentando que “toda representação é uma construção subjetiva da realidade” (Benetti, 2008, p. 110). Nesta ótica, o jornalismo é produtor e reproduutor de conhecimentos, os quais não são apenas expedidos, mas reformulados.

No estudo dos sentidos, o discurso é apenas um elemento exposto dentro de um processo anterior a ele. Isto significa que o texto pode ser dividido entre sua parte visível, discursiva, e a obscura, dotada de ideologia. Assim, a AD visa identificar formações discursivas (FDs) no próprio discurso, conforme proposto por Michel Pêcheux, as quais remetem a uma área de sentidos nucleares. Ou seja, os sentidos mais explicitados nos textos em análise. As sequências discursivas (SD) correspondem aos trechos recortados para análise, que, em sua junção, constituem uma FD.

No estudo das vozes, é construído um mapa delas. Pensando o jornalismo, se tem a percepção de que, idealmente, o discurso é polifônico, conceito criado por Bakhtin. No entanto, não necessariamente a quantidade empírica de vozes no texto se traduz em um material polifônico. Em outras palavras, polifonia está relacionada à diversidade de posições discursivas e não à quantidade de atores chamados a discursar em um texto.

Para tanto, toma-se por base a Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot, que distingue locutor e enunciador, conforme proposto por Benetti (2008). O locutor é quem fala e pode ser identificado como autor do enunciado, seja ele o jornalista que assina a matéria ou o que não assina, mas que se utiliza da instituição jornalística, seja como fonte citada ou ocultada, e assim por diante.

O enunciador é o lugar de onde se fala. Essa perspectiva de onde o sujeito se articula está relacionada aos diferentes fatores, como sociais e históricos, que na AD podem ser agrupados nas formações ideológicas. Assim como um texto com uma variedade de fontes pode ter um único enunciador, é possível um indivíduo circular entre posições distintas em um único discurso.

Análises.

Da Folha de S.Paulo (Figura 1) foram escolhidas as matérias intituladas 'Da Av. Paulista à Rio+20', publicada nas páginas 26 e 27 na revista *sãopaulo*, edição 17 a 23 de junho de 2012, com uso de uma fotografia de autoria de Lucas Lima/Folhapress, mostrando os ciclistas na avenida Paulista antes de partir para o evento; e 'Cada grupo tem a sua ideia de economia verde', publicada na página 6 do caderno Especial Ambiente – Rio+20, da edição do dia 5 de junho de 2012, com foto de Folhapress da alegoria de 'Economia Verde' feita com maquetes e alimentos por Herman Tacasey e gráfico de correntes, para aludir às correntes da Economia Verde.

Do jornal *Le Monde* (Figura 2) foram separadas "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", publicada na página 2 da editoria *Événement*, na edição do dia 20 de junho de 2012, com uso de duas fotografias de Demencis/Agência Olhares da favela de Vila Autódromo, no Rio de Janeiro. A primeira mostrando o contraste da favela com prédios luxuosos ao fundo, a segunda mostrando crianças brincando em um espaço da favela. E 'L'économie verte déraille à Rio+20', publicada na página 3 da editoria *Événement*, da edição do dia 20 de junho de 2012, com um infográfico mostrando dados como crescimento

populacional, áreas protegidas e aumento da temperatura da terra.



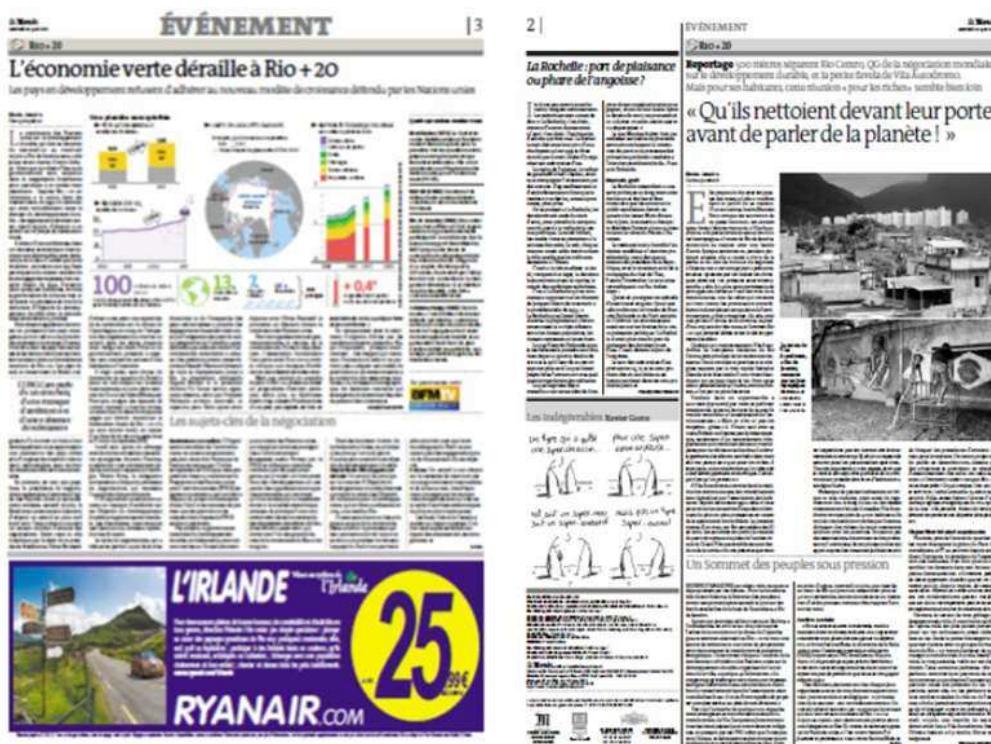
Figura 1 – Matérias publicadas nas páginas da *Folha de S.Paulo*.



Anúncio de produtos ou atitudes sustentáveis de fachada, com intuito de lucrar e ganhar reputação entre os consumidores.

Figura 2 – Matérias publicadas nas páginas do *Le Monde*.

RAZÓN Y PALABRA
Primera Revista Electrónica en Iberoamérica Especializada en Comunicación
www.razonypalabra.org.mx



Conceituação extraída do site oficial do evento: <http://www.onu.org.br/rio20/>

Quadro 1 – Mapa da relação de Vozes com Formações Discursivas nas matérias sobre Economia Verde na Folha de S.Paulo.²

| | | Folha de S.Paulo | | | | | | | | | | | | | | |
|----------------------|-----|------------------|----|----|----|---|----|----|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Vozes | FDs | L1 | L2 | L3 | L4 | L | L6 | L7 | L8 | L9 | L10 | L11 | L12 | L13 | L14 | L15 |
| Sucesso | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Fracasso | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Esperança | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Desesperança | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Competência | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Incompetência | | | | | | | | | | | | | | | | |

(L1) Andrea Viali e Eduardo Geraque (Folha de S.Paulo), (L2) Patrícia Britto (Folha de S.Paulo), (L3) Organização das Nações Unidas (ONU) e Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), (L4) Steven Stone, chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma, (L5) G-77 (grupo dos países em desenvolvimento), (L6) Governo Brasileiro, (L7) Embaixador Luiz Alberto Figueiredo, secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20, (L8) ONGs, (L9) Movimentos sociais, (L10) Pedro Ivo, coordenador da Cúpula dos Povos, (L11) Consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral, (L12) Estudante Vinícius Leyser, (L13) Andrêssa Batelochio, integrante do Comitê Paulista, (L14) Economista e professor da Universidade de São Paulo (USP) Ricardo Abramovay, (L15) Ciclista mineiro César Grazzia.³

Quadro 2 – Mapa da relação de Vozes com Formações Discursivas nas matérias sobre Economia Verde no Le Monde.⁴

| FDs \ Vozes | Le Monde | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----------------------|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|-----|-------|-----|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| | L16 | L17 | L18 | L19 | L20 | L21 | L22 | L23 | L24 | L25 | L26 | L27 | L28 | L29 | L30 | L31 | L32 | L33 |
| Sucesso | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Fracasso | | | | | | | | red | | | | | red | red | red | red | red | red |
| Esperança | | | | | | | | | | green | | | | | | | | |
| Desesperança | red | red | red | red | red | red | red | red | red | | | red | | | | | | |
| Competência | | | | | | | | green | | | | green | | | | | | green |
| Incompetência | | | | | | red | | | | | | | | | | | | |

Nota 5: (L16) - Nicolas Bourcier (Le Monde), (L17) – Inalva Mendes Brito, professora de português, (L18) Robson, vendedor de um supermercado e jardineiro ocasional, (L19) – Leonardo, desempregado, (L20) Ailda, (L21) Altair Guimarães, presidente da associação dos moradores, (L22) Josefa Oliveira, antiga pescadora, filha de pescadores transformada em dona de barzinho, (L23) Gilles Van Kote (Le Monde), (L24) Países do Sul, (L25) Governo Brasileiro, (L26) Atores nas negociações, (L27) Ministra francesa da ecologia, Nicole Bricq, (L28) União Europeia, (L29) Governo norte-americano, (L30) Barack Obama, (L31) Chanceler alemã, Angela Merkel, (L32) Presidente Chinês, Hu Jintao e (L33) François Hollande.

Os sentidos

a) Formação discursiva 1 (FD1) – Esperança

Nos textos da Folha de S.Paulo que conferem o foco principal para Economia Verde, uma das presenças de sentidos nucleares é da FD1 Esperança: Os locutores creem em uma saída para a conciliação entre sistema econômico e meio ambiente. O chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma, Steven Stone (L4), vinculado à ONU, informa, ao sublinhar os gastos com o modelo vigente, que a transição para a Economia Verde é viável financeiramente. Essa mudança “seria um grande passo à frente”.

O então embaixador Luiz Alberto Figueiredo (L7), secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20, aponta em seus enunciados para a falta de consenso entre os negociadores, mas evoca a FD1 ao mostrar a vontade de que este percalço seja ultrapassado pelos países, mostrando que a “economia verde é um instrumento para isso”.

Patrícia Britto (L2), jornalista da Folha de S.Paulo, escreve a matéria 'Da Av. Paulista à Rio+20'. Em trechos marcados por sua voz, ressalta a participação de grupos oriundos da

sociedade, baseados na FD1, que também surgiu no discurso do consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral (L11), assim como na fala de Andressa Batelochio (L13), integrante do Comitê Paulista e do ciclista mineiro César Grazzia (L15).

O sentido nuclear de Esperança não apareceu nas páginas de *Le Monde*, o que sugere sentidos em relação ao enquadramento discursivo realizado pelo jornal francês. Ainda assim, em nenhum momento é o periódico brasileiro que oferece este sentido nuclear, mas a FD1 é apresentada como a visão de outros locutores.

Observa-se que os discursos carregam FD1 Esperança estão vinculados à ONU e ao Governo Brasileiro. Portanto, são falas oriundas de organizadores da Rio+20, os quais se posicionam enquanto enunciadores detentores da perspectiva de valorizar os propósitos do evento. Nos demais, são atores da sociedade civil, sendo representados como ativistas, para quem o sentido nuclear é sublinhado por meio do caráter propositivo das ações.

b) Formação discursiva 2 (FD2) – Desesperança

Não possuir consenso sobre algo é natural em qualquer processo de governança, sobretudo em temas que envolvem muitas nações. Porém, ao destacar que esse consenso “está longe”, a Folha de S.Paulo, por meio de seus jornalistas Andrea Viali e Eduardo Geraque (L1), autores da matéria, sugere um tom de Desesperança quanto às negociações.

Marcas discursivas de L1 destacam duas perspectivas: o enfraquecimento do planeta e a ânsia por um crescimento econômico galopante dos países. Além de ressaltar estes aspectos negativos, a presença da FD2 é evocada no uso dos verbos “bastar” e “ajudar” conjugados no futuro do pretérito do indicativo, os quais apontam para uma proposta em que não creem que se efetive.

L1 reitera, na mesma reportagem, que o tema está longe de ter consenso e informa que as ONGs (L8) estão desesperançados com o tema. A mesma operação acontece com a posição dos movimentos sociais (L9), o que ganha força com falas de Pedro Ivo (L10), coordenador da Cúpula dos Povos, evento paralelo à Rio+20.

Já Le Monde ressalta o distanciamento da sociedade perante o evento e, por conseguinte, a Desesperança de cidadãos. O jornalista Nicolas Bourcier (L16) aponta o evento como uma reunião “para ricos”. Este distanciamento é reiterado no tom irônico da professora de português Inalva Mendes Brito (L17) ao se referir ao evento.

Todos estes locutores operam enquanto cidadãos descrentes da temática ambiental, em especial aqueles inseridos em um contexto social desfavorável. Quando se trata de Economia Verde, a FD2 Desesperança foi o sentido nuclear quantitativamente mais presente nos discursos. Além disso, diferente do anterior, FD2 é ofertada também nas vozes dos jornalistas.

Na Folha de S.Paulo, o sentido nuclear Desesperança apresenta-se principalmente na falta de consenso sobre o tema entre os países negociantes. Isso surge nas falas do próprio veículo, assim como de agentes externos das negociações. Por sua vez, Le Monde oferta FD2 enfatizada em um distanciamento com a temática, presente especialmente nas vozes de cidadãos.

b) Formação discursiva 3 (FD3) – Competência.

FD3 Competência desponta somente na reportagem de Le Monde "L'économie verte déraille à Rio+20". Este sentido nuclear provém da fala de Gilles Van Kote (L23), jornalista do veículo, que reconhece em seu discurso a vontade do Governo Brasileiro de demonstrar Competência ao desempenhar um papel maior no cenário internacional.

A única presença deste sentido nuclear dá pistas da maneira com que os jornais compreenderam o evento. Se por um lado há um reconhecimento de Le Monde ao menos da tentativa de exprimir uma Competência por parte do Governo Brasileiro, por outro o jornal do país-sede sequer menciona esta perspectiva neste recorte de análise.

c) Formação discursiva 4 (FD4) – Incompetência.

Assim como na sua antagônica, esta surge apenas no texto do jornal Le Monde, quando os enunciados destacam o desejo da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, de evitar o que

ocorreu em outro evento, marcado pela “incapacidade dos negociadores para chegar a um acordo dentro dos prazos”. FD4 surge também quando se realça que, apesar do esforço dos negociadores, o resultado não poderá ser estabelecido dentro do tempo pretendido. Assim, a Incompetência aparece no motivo dessa questão: o impasse entre Brasil e União Europeia.

Em suma, FD4 Incompetência assoma em um primeiro momento como algo a ser evitado. No segundo, explícito na expressão “impasse” como resultante das negociações. Além do mais, este sentido nuclear mostra características semelhantes ao anterior, com aparição exclusiva no jornal *Le Monde*, que trata da presença do Governo Brasileiro buscando processos de negociações.

d) Formação discursiva 5 (FD5) – Fracasso.

Na FD5 Fracasso, última presente nesta etapa, o tom crítico impera e fica evidenciado na crítica produzida pela União Europeia (L28), dentro da fala de Gilles Van Kote (L23), no jornal *Le Monde*, sobretudo na expressão “falta de ambição” ao se referir às metas de desenvolvimento sustentável e governança global.

Para justificar seu posicionamento, Van Kote destaca as ausências de líderes globais no evento, elemento que colabora para este resultado. Por fim, o uso de expressões avaliativas como “decepcionante”, “buraco negro”, “falta de ambição” e “ausência de substância” justificam esta citação.

Primeiramente, a presença da FD5 Fracasso não pressupõe a presença do sentido nuclear de Sucesso. Portanto, é a única que aparece de maneira isolada nesta etapa. Outra observação presente é a aparição somente no jornal francês *Le Monde*. Uma possível justificativa para isso é que a publicação desta reportagem ocorreu três dias antes do término do evento. Assim, ao abordar a Economia Verde, o jornal partiu da ótica avaliativa deste tema inserido nas negociações feitas até então.

As vozes.

a) Folha de S.Paulo.

Locutor 1 (L1) - Andrea Vialli e Eduardo Geraque (Folha de S.Paulo).

Os jornalistas Andrea Vialli e Eduardo Geraque (L1) foram os autores da matéria "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", da Folha de S.Paulo, onde ressaltam que a transição do modelo econômico vigente ainda está sem solução, incrementando o potencial argumentativo com o adjetivo “longe”.

Na sequência, os jornalistas apresentam dois segmentos argumentativos⁵. O primeiro propõe que a população do planeta está crescendo e, com ela, o nível de consumo. O seguinte lembra que a lógica operacional hegemônica continua sendo o capitalismo desenfreado, no qual só vai bem o país que cresce sempre. Portanto, aquele que consequentemente consome mais ambientalmente.

Os jornalistas deixam claro que a terminologia utilizada pela ONU não é do agrado dos movimentos sociais. Na sequência citam um evento paralelo à conferência, mencionando como um espaço concentrador de boa parte daqueles contrários ao termo Economia Verde. Contudo, não deixam claro a maneira como chegar a esta conclusão.

Estes locutores operam como avaliadores, consultores ou mesmo juízes da esfera pública, dado o tom destacado nas análises. Além disto, vale destacar que dois enunciados remetem à FD2 Desesperança, vista anteriormente.

Locutor 2 (L2) - Patrícia Britto (Folha de S.Paulo).

A lógica de L2 repete a anterior. Aqui também se apresentam inferências do jornal Folha de S.Paulo, agora na voz da jornalista Patrícia Britto, autora da reportagem “Da Av. Paulista à Rio+20”. Para ela, a expectativa sobre os resultados da Rio+20 não era boa. Para sustentar seu ponto de vista, enumera chefes de Estado que não compareceriam ao evento. Novamente, a Folha de S.Paulo, na figura de consultora da esfera pública, emite um parecer por meio de L2,

destacando suas percepções O tom avaliativo aqui se faz presente, baseado na FD2 Desesperança.

Locutor 3 (L3) – Organização das Nações Unidas (ONU) e Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma).⁶

Aqui, a ONU (L3) surge em um relatório divulgado para direcionar a economia para um caminho mais verde. Desta forma, se coloca não apenas como um organizador da conferência, impondo também seu poder programático perante às nações. De modo geral, o tom informativo predomina nos enunciados, o que é explicado pelos dados oriundos de um relatório. Além disso, a FD1 Esperança é notada por se tratar de uma proposta da própria ONU para solucionar um problema.

Locutor 4 (L4) – Steven Stone, chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma.

Nos três enunciados, o chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma, Steven Stone (L4), oferta uma posição programativa, a qual vai ao encontro com o que se verificou anteriormente em L3. Como membro deste órgão, seu discurso condiz com o destacado pela entidade. Observa-se um organizador propositivo enquanto enunciador. Além disso, os enunciados carregam a FD1 Esperança.

Locutor 5 (L5) - G-77 (grupo dos países em desenvolvimento).

G-77 (L5) surge em "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde". Aqui é destacado o temor destes países com o direcionamento que a Economia Verde poderá ganhar. Assim, este discurso está impregnado pela FD2 Desesperança. O G-77 se coloca na posição de negociador quando enuncia.

Locutor 6 (L6) - Governo Brasileiro.

O Governo Brasileiro (L6) assume o enunciado com base nas formações discursivas, se colocando em uma posição intermediária entre Esperança e Desesperança. Assim, ao mostrar que compartilha da posição do G-77, o Governo Brasileiro aponta para Desesperança. Com uso de “embora”, apresenta outra Esperança ao crer em um possível benefício na transição para a Economia Verde. Assim, opera em dois enunciadores aqui: um céptico enquanto ao futuro da Economia Verde, outro esperançoso com as possibilidades a serem exploradas.

Locutor 7 (L7) – Embaixador Luiz Alberto Figueiredo, secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20.

Na mesma reportagem desponta o embaixador Luiz Alberto Figueiredo (L7), secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20. Este opera como organizador do evento. Assim, apesar de reconhecer uma ausência de consenso sobre a temática, aponta, baseado na FD1 Esperança, para a possível resolução do desenvolvimento sustentável com uso da Economia Verde.

Locutor 8 (L8) – ONGs.

Na mesma reportagem, verificou-se a presença de ONGs (L8), de modo genérico. Estas operam conforme especialistas ambientais da sociedade civil. Os enunciados apontam para o uso da FD2 Desesperança, posição semelhante a G-77 (L5), e diferente do que vimos no locutor anterior, vinculado à organização da conferência.

Locutor 9 (L9) – Movimentos sociais.

Assim como anteriormente, Movimentos sociais (L9) também são inseridos de maneira genérica, sem especificação ou quantificação. Da mesma forma, estes operam como especialistas não ‘autorizados’ oriundos da sociedade civil. Semelhante ao observado em L8, aqui a FD marcante é Desesperança.

Locutor 10 (L10) – Pedro Ivo, coordenador da Cúpula dos Povos.

Ainda na reportagem “Cada Grupo tem a sua ideia de economia verde”, há presença da voz de Pedro Ivo (L10), coordenador da Cúpula dos Povos, evento paralelo à Rio+20. Este evento tinha como objetivo discutir as causas da crise ambiental, apresentar soluções práticas e fortalecer movimentos sociais de todo planeta.

Pedro Ivo opera como um especialista, que herda o capital socioambiental do evento que coordena. Em suas palavras, utiliza-se da FD2 Desesperança. Isto fica claro ao afirmar que a Economia Verde ‘ideologizou’. Para Pedro Ivo a proposta ganhou feições políticas, tradicionais e hegemônicas, apesar de não especificar qual. Por fim, ressalta que há desentendimento entre o seu campo social sobre como conciliar economia e meio ambiente.

Locutor 11 (L11) – Consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral.

Na reportagem ‘Da Av. Paulista à Rio+20’ surge o discurso do consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral (L11). Primeira observação fica para o cargo que este sujeito diz possuir. ‘Consultor’ remete a um ser incumbido de todas respostas sobre esta questão. Assim, ao não especificar sua função, entende-se que ele atua tanto em áreas como direito ambiental, quanto pelo viés das ciências sociais e biológicas em sustentabilidade. Trata-se de um especialista. Um perito. Em seu discurso, nota-se o caráter participante de suas falas. Além disso, os enunciados bebem da FD1 Esperança.

Locutor 12 (L12) – Estudante Vinícius Leyser.

Na mesma matéria é citado o estudante Vinícius Leyser (L12), também membro do movimento social. O tom propositivo é visto quando ressalta as iniciativas que seu grupo pretende realizar. Com isso, destaca-se a FD1 Esperança. Já como enunciador, se posiciona como um especialista ambiental, por herdar do grupo este capital simbólico.

Locutor 13 (L13) – Andrêssa Batelochio, integrante do Comitê Paulista.

Outro locutor que se sobressai é Andrêssa Batelochio (L13), integrante do Comitê Paulista, oriundo da sociedade civil. Em seu discurso, ela critica o brasileiro, de modo genérico, enquadrando-o em comportamentos não sustentáveis. Na sequência, aponta para uma solução, citando a reciclagem e voto consciente como exemplos.

‘Votar melhor’ pressupõe um ‘votar pior’. Logo, Andrêssa estabelece implicitamente que brasileiros votam mal. Este discurso, portanto, é baseado em um senso comum, aqui potencializado ao ser publicado nas páginas do maior jornal do país. Da mesma forma ocorre com o outro exemplo, já que a eficácia do processo de reciclagem depende de estruturas que extrapolam o âmbito do lar.

Enquanto enunciador, ela opera de maneira semelhante aos locutores anteriores, importando o capital simbólico do movimento social e a partir do qual fala. Além disso, o discurso propositivo é visto novamente, realçando a FD1 Esperança nos enunciados.

Locutor 14 (L14) – Economista e professor da Universidade de São Paulo (USP) Ricardo Abramovay.

Ainda na mesma reportagem manifesta-se o economista e professor da USP Ricardo Abramovay (L14). Sublinha-se o peso simbólico que a instituição traz para este locutor. Trata-se de uma das mais renomadas universidades da América Latina. Sendo assim, ele opera seu discurso enquanto um especialista detentor de um enorme capital social, herdado pela instituição a qual pertence. O caráter propositivo continua nos discursos deste locutor. Assim, a FD1 predominante é de Esperança. Junto a isso, L14 critica o modelo de mensurar a prosperidade das sociedades, hoje baseado no PIB, que para ele é um índice equivocado.

Locutor 15 (L15) – Ciclista mineiro César Grazzia.

Seguindo na mesma matéria, figura o ciclista mineiro César Grazzia (L15). Embora não apareça explicitamente, ele faz parte do movimento social que reúne ciclismo e ativismo ambiental. Assim, repete o enunciador visto anteriormente em L11 e L12, respectivamente o

consultor ambiental e o estudante. O caráter propositivo emerge em um tom provocativo. Além disso, observa-se que, novamente, a FD1 Esperança se faz presente.



b) Le Monde.

Locutor 16 (L16) - Nicolas Bourcier (Le Monde).

O jornalista de Le Monde, Nicolas Bourcier (L16), aparece na reportagem “Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!”. Ele ressalta a distância, com base nos discursos que seguirão, entre o local do evento e uma favela próxima. A construção semântica desse ambiente entre dois polos é destacada quando o locutor refere-se a aspectos como “córrego fétido de um rio embranquecido”.

Também a ausência da figura do Estado é realçada, assim como as demandas da comunidade. Contudo, Bourcier sublinha que as demandas foram em vão até agora. De modo geral, as vozes de Bourcier buscam ambientar o interlocutor por meio de adjetivações expressas em encadeamentos argumentativos que emitem noções qualitativas de negatividade ao entorno da Vila Autódromo. A escolha destes elementos diz muito do papel crítico enquanto enunciador, pois ao determinar a escolha desta pauta por este olhar, o jornalista pretere outros temas e outras perspectivas para a problemática. Por fim, a FD presente nos enunciados é Desesperança.

Locutor 17 (L17) – Inalva Mendes Brito, professora de português.

Inalva Mendes Brito (L17), professora de português e moradora da favela ilustrada na reportagem, é uma das vozes presentes. Antes de introduzir as falas da moradora Bourcier constrói um cenário de um tempo em que era possível ter harmonia entre o homem e a natureza. Após isto, Inalva entra em cena ressaltando a desgraça do presente graças às indústrias químicas que se alojaram nas proximidades. Por fim, ela lembra que, ironicamente, a Rio+20 estava sendo realizada perto desse lugar.

Ela reforça a ideia do poder das imobiliárias, indústrias químicas e dos organizadores dos Jogos Olímpicos, além da ausência de Estado, contextualizada na reportagem. Assim, há uma segmentação geográfica com base no poder aquisitivo da população. Perto deste ambiente hostil, diplomatas negociavam questões ambientais. Portanto, os enunciados fazem emergir a FD2 Desesperança. Inalva fala de uma posição de uma moradora descrente em um futuro

verde, sobretudo pelas batalhas enfrentadas para ter condições de vida mais aprazíveis e menos hostis.

Locutor 18 (L18) – Robson, vendedor de um supermercado e jardineiro ocasional.

Primeiramente, sublinha-se a ausência de sobrenome para o locutor. No discurso, observa-se que os moradores da favela mal dispõem de saneamento básico. Com isso, Robson constata que, apesar de ter vontade, fica difícil contribuir para o meio ambiente.

No desenrolar de seu raciocínio, lembra que ideias sustentáveis são mais ‘aplicáveis’ por pessoas com capital econômico alto. Logo, conclui que a ecologia é “apenas um pretexto” e que moradores da favela são vistos como um obstáculo para os ricos alcançarem um contexto ecologicamente correto.

As fortes palavras de Robson reforçam o distanciamento das classes menos favorecidas em relação às questões ambientais. Ironicamente, normalmente são estas as responsáveis pelo processo de reciclagem de lixo no Brasil. A FD predominante aqui é de Desesperança. Assim, apresenta-se novamente um cidadão desfavorecido economicamente descrente em relação ao desenvolvimento sustentável.

Locutor 19 (L19) – Leonardo, desempregado.

Leonardo (L19), desempregado, é identificado na mesma reportagem e, como L18, também sem sobrenome. Mas sua fala é categórica: a questão ambiental é secundária em um universo onde é difícil garantir as necessidades mais básicas de sobrevivência. Novamente a FD2 Desesperança surge na fala do morador da favela, também descrente quanto aos assuntos debatidos na conferência.

Locutor 20 (L20) – Ailda.

Ailda (L20) surge sem sobrenome e sem definição. Implicitamente, dá a entender que se trata de uma moradora da favela. Curiosamente, é justamente sua fala que dá nome à reportagem.

Em referência aos diplomatas e negociadores, afirma que primeiro a lição de casa deles deveria ser feita antes de querer deliberar sobre o planeta. Assim, ela opera também enquanto cidadã descrente com o desenvolvimento sustentável, ressaltando a FD4 Incompetência em relação aos governantes emergindo no enunciado.

Locutor 21 (L21) – Altair Guimarães, presidente da associação dos moradores.

O presidente da associação de moradores da favela, Altair Guimarães (L21) se apresenta no texto seguindo a linha das fontes anteriores. Ele frisa a ausência de saneamento básico na localidade com um impeditivo para as discussões sobre meio ambiente adentrarem nas conversas cotidianas. Além disso, lembra que esse problema não é um fato exclusivo de pessoas menos favorecidas, citando exemplo de novos condomínios que desprezam normas ambientais.

Desta forma, trata-se de um morador com capital simbólico maior, em virtude do cargo que representa, replicador da percepção de descrença vista nos seus semelhantes anteriormente. Além da FD2 Desesperança, nota-se também a presença da FD4 Incompetência.

Locutor 22 (L22) – Josefa Oliveira, antiga pescadora, filha de pescadores transformada em dona de barzinho.

Josefa Oliveira (L22) retoma o relato de Inalva (L17) em relação ao fim dos peixes da proximidade. Josefa é apresentada como “antiga pescadora”, “transformada” em dona de barzinho. Ou seja, o encadeamento discursivo presente indica que as poluições de indústrias não só mudaram o contexto ambiental da favela, mas também as atribuições dos seus moradores.

Em seu discurso, cita o desaparecimento dos peixes do lago e a doença dos pescadores anos atrás, o que levanta suspeita sobre a atuação industrial daquela área. Além disso, abstém-se da discussão ambiental, justificando não ter tempo ou coragem para tal, delegando esta Competência para os “líderes”. Na fala de Josefa a FD2 Desesperança se faz presente.

Locutor 23 (L23) - Gilles Van Kote (Le Monde).

Marcas discursivas do jornalista Gilles Van Kote (L23) permeiam a reportagem de sua autoria “A economia verde descarrila na Rio+20”, em Le Monde. Destaca-se o título da matéria, em especial o verbo “descarrila”, o que remete a FD5 Fracasso. No sentido literal, o verbo significa sair dos trilhos. Aqui ele opera de maneira figurativa, apontando que foi desviado do caminho.

Van Kote conversa com o interlocutor, indagando se a Rio+20 não estaria decidida antes mesmo de começar. Evidentemente que o locutor não deseja saber a opinião dos leitores do jornal francês. Trata-se, portanto, de uma pergunta retórica, induzindo a resposta positiva. Na sequência, Gilles Van Kote argumenta que os negociadores deviam tentar chegar a um acordo sobre o Texto Final. Implicitamente o jornalista incita que os diplomatas, até então, não haviam chegado a esse desfecho.

Por fim, reforça que a conferência é um grande cartão de visitas para o mundo quanto à capacidade do Brasil de se impor em processos de Governança. Assim, enquanto consultor da esfera pública, o jornal opera com voz avaliativa, mas também na voz sentenciadora, marcada pela FD3 Competência.

Locutor 24 (L24) – Países do Sul.

Aqui estão incluídas as marcas discursivas de Países do Sul (L24), contado nas palavras de Van Kote (L23). Conforme o enunciado, estes países temiam que a aplicação do conceito Economia Verde viesse com outros interesses que beneficiariam os países ricos. Os Países do Sul se posicionam enquanto negociadores da conferência fazendo uso da FD2 Desesperança.

Locutor 25 (L25) – Governo Brasileiro.

O Governo Brasileiro (L25) também é inserido nesta reportagem na condição de anfitrião negociador, destacando-se sua intenção de concluir o Texto Final até determinada data. Assim, nota-se a presença da FD1 Esperança na vontade de terminar o documento da conferência.

Locutor 26 (L26) – Atores nas negociações.

Atores nas negociações (L26), inseridos de maneira generalizada por Gilles Van Kote (L23), aparecem como surpreendidos com a intenção do Governo Brasileiro de concluir o quanto antes o Texto Final. De acordo com o enunciado, isto se dá pelo receio, por parte da presidente do Brasil, da Rio+20 não ter o mesmo desfecho que outra conferência que obrigou os chefes de Estado negociarem no lugar dos diplomatas. Logo, constata-se a presença da FD3 Competência.

Locutor 27 (L27) – Ministra francesa da ecologia, Nicole Bricq.

A ministra francesa de ecologia, Nicole Bricq (L27), surge no texto enquanto uma das diplomatas inserida no processo de negociação. Ela avalia um encontro com o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Antônio Patriota, quanto à percepção deste com o evento. Há presença da FD2 Desesperança na fala de Bricq.

Locutor 28 (L28) – União Europeia.

A União Europeia (L28) está presente no enunciado no papel de negociador da conferência. Ela faz uma crítica ao que chama de “falta de ambição” em alguns pontos no texto. Este discurso tem como FD o Fracasso.

Locutores 29 e 30 - Governo norte-americano (L29) e Barack Obama (L30).

Governo norte-americano (L29) e Barack Obama (L30) surgem na reportagem. Enquanto negociadores, a contribuição menos incisiva de L29 e a ausência de L30 são destacadas nos enunciados, os quais justificam a atitude devido às eleições presidenciais. Além disso, este bloco enunciativo é utilizado como justificativa para a presença da FD5 Fracasso no texto.

Locutores 31, 32 e 33 - Chanceler alemã, Angela Merkel (L31), Presidente Chinês, Hu Jintao (L32) e François Hollande (L33).

Estes três locutores aparecem no encerramento da matéria. Merkel e Jintao são inseridos no texto da mesma forma que L29 e L30: como negociadores que se abstiveram do processo de governança ambiental global. Por outro lado, Hollande é mostrado de modo mais participativo que colegas.

Destaca-se ainda que este enunciado aponta para uma construção da FD5 Fracasso, já que a presença de líderes mundiais como estes corrobora em um aumento no capital simbólico da conferência. Contudo, a presença de Hollande revela um aspecto da FD3 Competência.

Discussão.

Identificou-se a existência de cinco formações discursivas difundidas entre as 33 vozes em ambos os veículos. De modo geral, marcas discursivas positivas sobre a conferência representaram um terço das aparições. Logo, o enquadramento geral dado nas coberturas analisadas tratou de ressaltar os aspectos negativos da conferência, embora reconheça elementos positivos. Esta lógica de jornalismo ambiental aplicada pelos veículos, verificada no presente trabalho, se aproxima dos estudos de Berger (2006), Bonfiglioli (2004), Bueno (2007), Costa, Cunha & Velloso (2012), Dominguez (2012), Gavirati (2012) e Sampaio & Guimarães (2012), conforme consta a seguir.

Sobre as vozes, entre aquelas que foram priorizadas nos textos analisados, comprovou-se que a FD1 Esperança é a mais presente entre elas. A exceção fica para Gilles Van Kote, do *Le Monde*, que se utiliza da FD2 Desesperança. Esta fonte é primária, por ser o locutor mais presente na matéria, caracterizando aspectos do ambiente descrito. Entre as vozes que ocuparam os textos de modo secundário, geralmente visando ilustrar e contextualizar, fugindo do discurso oficial dos negociadores, há um cenário diversificando no que se refere às formações discursivas. Destaca-se a FD2 Desesperança, com maior presença nesta etapa.

Enunciadores especialistas da área ambiental se apresentam em grande quantidade com o sentido nuclear de Esperança. Nota-se que este sentimento não está relacionado diretamente à conferência ou negociadores. Aponta-se ainda o Governo Brasileiro, enquanto negociador da

Rio+20, que opera de duas maneiras em seus enunciados: enquanto um cético da Economia Verde, mas também como alguém com Esperança nas possibilidades que o modelo traria. Observa-se ainda negociadores e especialistas ambientais carregados com a formação discursiva Desesperança.

No Le Monde, o sentido nuclear de Desesperança permeia todos enunciadores que operam enquanto cidadãos comuns. Estes entregam a responsabilidade deste sentimento aos gestores públicos, ressaltando sua ineficiência. Entre os negociadores da conferência, são observadas formações discursivas de Fracasso e Desesperança quanto ao evento em si. O único enunciador a operar com Esperança no evento é um membro das entidades organizadoras.

De modo geral, Esperança teve mais aparições na Folha de S.Paulo, enquanto que Desesperança é o sentido nuclear mais oferecido no Le Monde. Neste, a segunda FD mais presente foi Fracasso. No jornal brasileiro, Desesperança vem na sequência, com nenhuma menção a outras FDs. Diferente do jornal francês, que trata em poucas abordagens com Competência, Incompetência e Esperança. Em comum, ambos não enquadram Sucesso em seus discursos.

Logo, constata-se a preferência do Le Monde por FDs negativas (Fracasso e Desesperança), enquanto na Folha de S.Paulo há uma abordagem mais equilibrada e contraditória (Esperança e Desesperança). Agrupando as FDs dos dois jornais, verifica-se que Desesperança foi o sentido nuclear mais presente. Na sequência observa-se Esperança, principalmente pelo volume oferecido pelo jornal brasileiro, seguida de Fracasso, presente apenas no jornal francês. Sublinha-se que Incompetência aparece uma única vez.

Os aspectos positivos, quando se faz uma quantificação do número de abordagens, ficam em apenas um terço das aparições. Le Monde foi o veículo que menos publicou estas FDs. Por outro lado, registra-se que a Folha de S.Paulo ofereceu mais Esperança do que Desesperança. Contudo, boa parte das vozes deste sentido nuclear tiveram papel secundário no texto noticioso. Com base nisso, o enquadramento geral dado nas coberturas analisadas tratou de ressaltar os aspectos negativos da conferência, embora se reconheçam elementos positivos.

Considerações finais.

Buscando compreender a lógica de jornalismo ambiental aplicada pelos dois veículos, primeiramente, nosso estudo aponta que, mesmo com uma quantidade significativa de vozes na análise qualitativa, as matérias apontam para pontos de vista praticamente singulares, o que não converge com a ideia de Loose & Peruzzolo (2008) de um jornalismo ambiental polifônico. Esta homogeneidade de pontos de vista foi verificada também por Berger (2006), em estudo sobre as vozes e formas de nomeação destas pela cobertura do jornal Zero Hora na invasão dos laboratórios de mudas da Aracruz, no Rio Grande do Sul. Para a autora, a produção noticiosa condicionou o modo de ver o acontecimento por não tratar de ouvir fontes independentes, envolvidas no caso.

Nesta linha, o presente trabalho sobre a abordagem da conferência Rio+20 aponta que vozes oriundas da sociedade civil, de modo geral, raramente chamam para si uma corresponsabilidade da problemática ambiental. O tratamento visto neste trabalho sobre as matérias que abordaram o tema Economia Verde mostrou que a solução dos problemas está sempre endereçada ao “outro”, seja o político (*Le Monde*) ou o cidadão brasileiro (*Folha de S.Paulo*). Assim, a questão ambiental é raramente colocada como elemento constituinte de um deliberar por parte do cidadão comum, marca de enquadramento característica dos dois jornais.

Com base no presente estudo, observa-se também uma aproximação da temática ambiental com a ótica capitalista, especialmente com o tema Economia Verde figurando como um dos temas principais da conferência. Esta observação se aproxima do que foi observado por Sampaio & Guimarães (2012), que afirmam que a sustentabilidade tem convergido com discursos econômicos, direcionando este dizer para novas falas a partir disto. Nesse sentido, Bonfiglioli (2004) observa que nesse processo o discurso ecológico empresarial marginaliza o discurso ecológico original.

O foco econômico da temática ambiental também é apontado por Dominguez (2012), que analisa as ofertas jornalísticas sobre a hidrelétrica de Garabi, na fronteira entre Argentina e

Brasil. Para ele, há uma subordinação de fontes oficiais, o que determina um jornalismo restritivo, refém de ordens de sujeitos legitimadores de sentidos. O mesmo é visto em ponderações de Costa, Cunha & Velloso (2012). Eles analisaram os discursos em matérias sobre desmatamento, sobretudo na Amazônia, publicados em 2009 nos sites do Estadão e da Folha de S.Paulo. Ambos veículos focaram o problema pela ótica econômica, com uso predominante de fontes políticas e científicas, sendo raras menções ao terceiro setor.

A visão negativa predominante dos enunciados que se evidenciou nas análises vai ao encontro com o que foi observado por Gavirati (2012), que trabalha com a hipótese de que uma abordagem expressiva quantitativamente da temática ambiental não é sinônimo de uma melhor percepção sobre o assunto por parte dos receptores. Para o autor, a insistência em determinado tema no campo jornalístico pode ter o efeito reverso. Assim, efeito semelhante pode ter acontecido entre os leitores dos jornais aqui analisados, com base no volume de amostras verificado preliminarmente, com a agenda oferecida pela mídia impressa não se transformando necessariamente em agenda do público.

A relação de sentidos está atrelada aos discursos das vozes presentes nas ofertas jornalísticas. Assim, em estudo sobre a cobertura ambiental com nove jornais brasileiros de São Paulo e Rio de Janeiro, feita no segundo semestre de 2006, por Bueno (2007), constatou que quantitativamente o tratamento é significativo, distribuído em diversas editorias, mas com a participação dos cidadãos e organizações do terceiro setor reduzidas, prevalecendo o discurso oficial e técnico. A mesma lógica operacional de fazer prevalecer os discursos oficiais foi observada na cobertura do tema Economia Verde durante a Rio+20.

Quando se leva em conta que o jornalismo ambiental desempenharia com equilíbrio a tríade funcional proposta por Bueno (2007), com base neste estudo sobre a conferência Rio+20, tanto o jornal europeu quanto o periódico latino-americano praticaram com eficiência a primeira função sugerida pelo autor (informativa), sobretudo pelo volume de matérias noticiadas. Com menor intensidade, a linha pedagógica pode ser vista nas matérias analisadas, as quais buscaram aprofundar temas e destacar aspectos reflexivos.

Quanto à função política observa-se um impasse analítico. Se por um lado a diversidade de

vozes nos materiais analisados pode subsidiar uma reflexão sobre a temática, com a possibilidade de resultar em uma mobilização maior dos sentidos, por outro a percepção negativa predominante, como ficou constatado, induz a dizer que estes enunciados dificilmente estimularão um olhar otimista para o futuro, sobretudo ao abster os cidadãos da problemática que abrange todo o planeta.

Por fim, a análise e a comparação da cobertura da conferência Rio+20 nos jornais *Le Monde* e *Folha de S.Paulo* apontaram aproximações e distanciamentos entre os dois veículos jornalísticos, as quais foram expostas por meio das formações discursivas e vozes presentes nas matérias selecionadas. Estas marcas culminam na formação de um padrão ou matriz cultural que expõe a lógica de jornalismo ambiental aplicada pelos dois jornais. Este estudo contribuiu na compreensão deste processo por meio do enquadramento de sentidos ofertados aos receptores em relação ao tema Economia Verde no evento Rio+20.

Referências.

- BELMONTE, R. V. (2004). Cidades em mutação: Menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: VILAS BOAS, S. (org.). *Formação e informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus Editorial. 15-48.
- BENETTI, M. (2008). Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes. 107-122.
- BERGER, C. (2006). O Caso Aracruz. Do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo). VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PESQUISADORES DA COMUNICAÇÃO, Julho, São Leopoldo/RS, Brasil.
- BONFIGLIOLI, C. (2004). Discurso ecológico e mídia impressa: análise de discurso de um acidente ambiental. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre/RS, Brasil.
- BUENO, W. (2007). Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, n. 15, 33-44.
- COLOMBO, M. (2010). Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul/RS, Brasil.
- COSTA, L.; CUNHA, K.; VELLOSO, B. (2012). Quando as fontes são de lá: o discurso jornalístico dos jornais OESP e FSP sobre desmatamento durante a COP15. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza/CE, Brasil.
- DOMINGUEZ, C. (2012). O silêncio dos afogados. O desaparecimento da população ribeirinha no noticiário sobre a construção da Hidrelétrica de Garabi. *Razón y Palabra*, México, n. 79.
- FLORES, V. (2009). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto.
- FLÔRES, V.; MAZZARINO, J. (2012). Ofertas, marcas e a construção de vínculos com o receptor na produção jornalística sobre recursos hídricos. ALAIC - Congreso Latinoamericano de Investigadores en Comunicación. GT Estudios sobre Periodismo, Uruguay.
- FROME, M. (2008). *Green Ink: Uma Introdução ao Jornalismo Ambiental*. Curitiba: Editora UFPR.
- GAVIRATI, P. (2012). Periodismo local y cambio climático global análisis discursivo de la COP-15 en la prensa Argentina. *Razón y Palabra*, n. 79.
- LOOSE, E.; PERUZZOLO, A. (2008). Como o Meio Ambiente é tematizado no Discurso Jornalístico da Folha de S. Paulo. XXXI Congresso Brasileiro de Comunicação Ambiental,

Natal/RN, Brasil.

MOLINA, M. (2008). *Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional.* São Paulo: Ed. Globo.

PILAGALLO, O. (2012). *História da imprensa paulista: jornalismo e poder de d. Pedro a Dilma.* São Paulo: Três Estrelas.

SAMPAIO, S.; GUIMARÃES, L. (2012). O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 30, n. 2, 395-409.

¹ Vinícius Flôres é formado em Jornalismo pelo Centro Universitário Univates de Lajeado/RS, Brasil. Pesquisador voluntário no projeto de pesquisa Práticas Ambientais, Comunicação, Educação e Cidadania (CNPq), do Centro Universitário Univates. Publicou na revista Em Questão, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o artigo Enquadramentos sociossemióticos em notícias sobre enchentes: a construção de vínculos com o receptor (2013). E-mail: vinidsf@gmail.com

Jane Mazzarino é doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005), professora permanente no Programa de Pós Graduação Ambiente e Desenvolvimento (mestrado e doutorado) e no curso de Comunicação Social do Centro Universitário Univates de Lajeado/RS, Brasil. Coordena o grupo de pesquisa Práticas Ambientais, Comunicação, Educação e Cidadania (CNPq). Publicou, entre outros, os livros Tecelagens comunicacionais-midiáticas no movimento socioambiental (Univates, 2013) e Cidadania da escuta (Univates, 2009). E-mail: janemazzarino@gmail.com

² Conforme Ducrot (Flores, 2009), entende-se segmento como constituinte da unidade argumentativa de sentido. Assim, este pode vir na forma de argumento, conclusão ou segmento interdependente semanticamente de outro, mas que formam uma unidade de sentido.

³ Conforme Ducrot (Flores, 2009), entende-se segmento como constituinte da unidade argumentativa de sentido. Assim, este pode vir na forma de argumento, conclusão ou segmento interdependente semanticamente de outro, mas que formam uma unidade de sentido.

⁴ Aqui Pnuma é utilizado como sinônimo de ONU, embora seja uma divisão constituinte da ONU.